



DeuS  
E  
OUTROS QUARENTA  
PrOBleMAS

W. J. Solha



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

FOTOS  
Andréia Solha

ARTE DA CAPA  
Acrílica sobre tela de W.J. Solha,  
“É tão difícil!”, do acervo da UFPB

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

J83D SOLHA, WALDEMAR JOSÉ. 1941 -  
DEUS E OUTROS QUARENTA PROBLEMAS / WALDEMAR  
JOSÉ SOLHA. - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

148 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-69033-32-5

I. POESIA I. TÍTULO.

CDD B869.1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# PROBLEMAS

## UM

Gênio, não tenho.  
Me empenho.  
Essas palavras me soam  
como “Os morcegos não são aves  
mas  
voam”.

Como evitar, porém, que o poema seja um rio não mapeado, que a vereda cruze... e saia seca do outro lado?  
Como fazer com que, criado, ele cause a sensação, *anterior*, de que faz falta, como ao Corcovado faz – no Rio Antigo – o Redentor?  
Como criá-lo com a naturalidade com que laranjeiras dão laranjas,  
e os jardins – em seus delírios – cravos, orquídeas, cachos de lírios, a força da natureza irrompendo, sem planos, com o mesmo ímpeto da Torre do Diabo, ao vir do chão, gigantesca, nos Estados Unidos, há 40 milhões de anos?

Sinto-me, no entanto, levado pelo mesmo impulso – primitivo, um tanto técnico, artístico, prático, místico – dos que ergueram o grande círculo de Stonehenge além das possibilidades

e meu problema começa justamente quando não consigo sequer definir esse... *xis* – versátil, esperto, cheio de *êstases*, *paichões* e *ezageros* sem *nékso*, incerto – que assume o... compromisso de fazê-lo, aqui, nesta humana, precária, caixa craniana.

Ah, nem ao menos tenho um plano de como flagrar coisas como o *trem* que me leva, estação a estação, no ano!

Enquanto isso, que poeta, o Sol, quando ao ver o preso a dormir no chão, passa-lhe, pela grade, a tepidez de seu cobertor xadrez.

E os Beatles, que mestres! Cruzando a faixa de pedestres da *Abbey Road* e, na verdade, como se vê, a capa do *Abbey Road*, LP.

Que poeta, o fotógrafo que flagra a rima entre a velha – que vai, encurvada, na calçada -, e a sombra dela, vulto enorme – urco, escuro – a segui-la, sinistramente, no muro. Que rima, entre a nuvem carregada e Beethoven;

e entre a San Francisco destruída pelo abalo da terra, e Berlim – pela guerra.

Veja o olhar do velho doente,  
deitado,  
em pijama,  
a rimar com o do cão debaixo da cama.

Rima, também, no mesmo compasso, a distância no tempo com a que existe no espaço,  
onde datas se apagam, suprimem-se entalhes,  
até que não se distinguem, mais, com detalhes, jornais de ontem dos antes de ontem, nem rochedos e arvoredos, no horizonte.

Poema... é problema, se não se sabe fazer o ovo já com gema; o abacate, com caroço; a necrópole já na metrópole; a carne já com o osso.

Há uma rima entre o ser e o não ser... que não sei como fazer,

nem a da noite com o dia, tristeza e alegria; o tudo e o nada, e – na mesma escalada – o não e o sim, e o zero e o um ( no sistema binário – extraordinário, complexo e, ainda assim, comum ).

O mote “elo perdido” finco – atrevido – na locomotiva a vapor, que em 1845 puxa – pela primeira vez, é de se supor – três carruagens, tipo *diligências*, que são rimas e

embriões ligeiros das longas sequências futuras de vagões de passageiros.

Quem  
tal poema... evolucionista... superaria?

Há quem possa rimar melhor que a carroça,  
em que o galope do cavalo tem tradução simultânea nas rodas, a arredondá-lo?

Quem cria versos que superem a creche de flores em festa,  
na seriedade da floresta,  
a geometria fractal e o sossego  
das ruínas de um templo grego?

Todo poema é um problema.

Não posso, como a onze-horas, pô-lo a desabrochar todo dia perto do meio-dia, feito artefato solar,... ou guarda-chuva que, convocado, é o único guarda inofensivo, ... armado.

Não posso, como a flâmula, bandeira, materializar o vento, enquanto à multidão inflama.

Ou,  
como o espelho – discreto, desmemoriado – tudo transmitir ao vivo,  
sem nada deixar gravado.

Todo poema é problema, se não é mais ou menos exato como o prato no tamanho da fome; o copo, no da sede; a cama, no do sono. Como o exótico, nacionalista halo... de Carmem Miranda e Frida Kahlo.

Todo poema é problema, quando não eterno como a maçã que agora abocanho e é neta, tataraneta da que vejo – igualmente fresca – no quadro antigo, ao lado de um crânio – oco como um coco -, igual ao do estranho rosto – de ossos, os nossos – que trago sob meu rosto, e que emerge feito um fantasma... feliz, sempre, em meu retrato de raios-x.

Todo poema é problema.

## DOIS

O que pode haver... de mais... irreal... que o fato de que nenhum autor,  
em toda a literatura universal,  
ter,  
até hoje,  
conseguido – como seria de se supor – a Shakespeare... se



igualar... e – por que não?! – superar?,  
mesmo com todas as sumidades e mil entidades de todas  
as áreas,  
reais ou imaginárias,  
que vieram depois dele,  
para a todos... assessorar?  
Mesmo com os grandes momentos – tantos – que têm  
ocorrido  
no tempo até então decorrido,  
que... poderiam... ser temas... de grandes poemas, de obras  
densamente dramáticas  
e estéticas,  
como a Revolução Francesa, de trágica beleza,  
ou o fim do império otomano, britânico, francês,  
do espanhol, português,  
a União Soviética,  
mais as guerras – mundiais -, o Holocausto, explosões  
nucleares...  
e o mais:  
o computador,  
meu deus,  
que foi desmesurado avanço na... shakespeariana... pena  
de ganso!

O problema é que, ainda que com disfarces, realces,  
renas não são alces.



[www.pt.wikipedia.org/wiki/Waldemar\\_Jos%C3%A9\\_Solha](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Waldemar_Jos%C3%A9_Solha)



[wjsolha@superig.com.br](mailto:wjsolha@superig.com.br)



[/wjsolha](https://www.facebook.com/wjsolha)